

A luta que há nos deuses



Por **JOÃO MARCOS DUARTE***

Comentário sobre o livro recém-lançado de André Castro

"A tradição crítica de Cândido e Schwarz encontrava na literatura um espaço privilegiado de interpretação da formação à deformação nacional, dado que a própria nação era também uma comunidade de leitores onde a identidade se forjava na leitura. Já os tempos de desconstrução parecem apresentar uma experiência delineada enquanto imaginação religiosa, de modo que é em sua formulação teórica (teológica) que encontramos um espaço privilegiado para mapear as formas do fim" (André Castro).

Apesar de arrevesada, não é sem propósito a afirmação de nosso cientista da religião. No seu livro mais recente, ele procura mapear justamente o que ele chama de "imaginação religiosa". Mais exatamente, a última de suas figuras, a apocalíptica bolsonarista.

First things first. O trecho que estamos comentando começa com nada menos que dois dos principais dísticos do que convencionou-se chamar de tradição crítica brasileira. Há quem diga que essa tradição é uma franja radical da ala dos bacharéis^[ii] que sempre teve por objetivo fazer a passagem da colônia à nação. A franja crítica tenta de certo modo abdicar dos maneirismos e autoritarismo aplicados à saga da construção nacional, além de perceber o impasse como problema - um tanto diferente de seus antepassados, que viam justamente nesse processo a marca da identidade nacional que eles deveriam mapear para então realizar (ou vice-versa).

Indo direto ao ponto: sem apologia, nossos dois críticos literários mencionados veem na literatura nacional uma importante fonte de investigação sobre esse problema que tem por nome Brasil, com suas idiossincrasias e possíveis aportes para tentar, de um lado, desvendar o fundo falso de um sistema-mundo baseado na acumulação infinita e, de outro, contando com a boa vontade de alguns e ausência de outros, certa contribuição possível para a sociedade vindoura. De um jeito ou de outro, a recusa da situação atual e investigação de possibilidades de termos vez e voz na construção do Novo.

O ponto nodal está em que a literatura formou pela primeira no Brasil o que poderíamos chamar de "comunidade de leitores", as palavras são do trecho em epígrafe. A origem da expressão que, apesar de não usada por Antônio Cândido, é o resultado de seu caminho por outras vias, deve-se a Benedict Anderson^[iii], ao mapear como os jornais, com notícias e folhetins, faziam com que aqui e acolá, em Portugal ou nas colônias, nas Índias e na Grã-Bretanha, ao terem contato com o mesmo documento e serem afetados pelo mesmo ar, notícias da bolsa e aventuras da mocinha em questão, os leitores se sentissem pertencentes a uma comunidade que adiante seria chamada de nação.

A despeito da pilhagem colonial, o que juntava os mandantes dos navios que viviam nos palácios, os piratas e colonizadores, além dos pais de família que comerciavam por meio de embarcações, era justamente o ar comum ao partilharem as mesmas páginas e, eis aí a grande descoberta do historiador irlandês, imaginar que seus iguais do outro

a terra é redonda

lado do Oceano estivessem fazendo o mesmo.

Por razões internas à família de nossa tradição, que tinha como ideal a junção do que havia de mais iluminado com o que havia de mais terra-terra nos rituais indígenas e afro-diaspóricos, que culmina em Brasília, passaram ao largo de um outro documento cheio de fatos e histórias que foi sendo construído há mais de dois milênios e que forma, desde suas primeiras dez leis, uma outra comunidade imaginada, essa sim sem limites territoriais fixos, pelo menos *a priori*, e que convida a humanidade à unidade por meio da diversidade.

Com dois agravantes, uma comunidade de peregrinos escravizados periodicamente, cuja cidadania não é deste mundo, mas que já tem todo o seu percurso traçado e o fim certo - a fórmula para a insurgência permanente.

Indo adiante com o retrospecto, temos três momentos principais de formação dessa outra comunidade imaginada composta por peregrinos insurgentes. O primeiro deles, o *Decálogo* escrito pela voz do próprio Criador e entregue a seu primeiro mensageiro, aquele que liberta o povo de deus do maior império da época. Criador este que, ao perceber-se rejeitado pelo povo que Ele mesmo escolheu para chamar de seu, o condena a vagar durante quarenta anos por um deserto, dando voltas para se encontrar, sem poder parar por um só momento, apenas tendo os seus próprios sacrifícios e exército para sobreviver e nunca desistir de sua terra prometida - lugar que há muito fora seu, mas que por conta da peregrinação acaba sendo povoados por estranhos e que, para ser reconquistado, depende de muito sacrifício e treinamento militar, afinal, quando o primeiro homem fez a primeira fronteira, estava decretado o tempo da matança militarizada.

Após as leis, a profissão de fé que vem alguns mil anos depois: "Venha a nós o Teu Reino, seja feita a Tua vontade assim na terra como no céu" proferida por Jesus de Nazaré, o Cristo, que alguns têm por Zelota, outra tribo de insurgentes que não se rendeu nem ao Império Romano, mais uma vez, o maior à época. A vontade: resgatar o mundo que jaz no Maligno por meio do povo que se chama por seu nome, façanha possível pela missão vicária do mesmo filho de carpinteiro que há pouco mencionamos, o centro das Escrituras.

Por último, a realização final da Terra prometida, o Reino dos Céus que faz física a presença do criador na Terra, de uma vez o cumprimento do decálogo, ao dar com que a vontade do Altíssimo se faça tanto na Terra como no Céu. Vinda essa - a do Reino - só possível depois que a Mensagem de redenção for pregada por toda a face da terra e o Povo de Deus perseguido por não renegar sua fé e sua Missão. De cabo a rabo, mais uma vez, um povo de peregrinos insurgentes em sua guerra pela eternidade. Até agora nenhuma novidade, em um parágrafo, a saga do Gênesis ao Apocalipse.

O que nosso teólogo descobre é um simples detalhe que faz toda diferença. Pouco importa a imaginação religiosa em si. O que interessa é justamente como a história desses que a si se intitulam povo de deus é vivida enquanto experiência religiosa.

Prova e contraprova acontecem em três tempos, no livrinho mencionado: a Teologia da Libertação^[iii] no momento em que o horizonte de expectativa e espaço de experiência tinham uma distância incomensurável e a revolução vinha aí; o progressismo evangélico^[iv] e a apocalíptica bolsonarista^[v], agora que os tempos são outros e a dimensão do mundo é a da catástrofe iminente - vivida pelos primeiros como o contrário do Plano do Criador, e pelos últimos, como parte necessária da negação inexorável do estado atual de coisas dado que sua cidadania "não é deste mundo", e que, portanto, não se importa e até se congratula com a destruição de tudo, para que então, quando o Fim chegar, possa dizer: "As coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo" (2 Coríntios 5:17).

Os componentes de uma cidadania ultramundana, a peregrinação incessante, o Reino que se estabelece após batalhas infinidas e muita perseguição com vitória final certa, a imaginação religiosa que anima os entusiastas e aqueles que querem adiar o fim do mundo.

Chegando mais perto, algumas palavras sobre o centro do que é identificado por André Castro. Diferente do judaísmo, que

a terra é redonda

é messiânico, o cristianismo, outrora progressista (com o protestantismo), agora em sua face evangélica, tem na escatologia seu núcleo. Nos dois sentidos da palavra: revelação e tempo do fim.

Quanto ao primeiro, a certeza (“daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos” [Hebreus 11:1]) de que a todo o momento o Altíssimo quer dizer algo por trás do que está acontecendo: a força motriz do que comumente se vê, por miopia, obviamente, como uma tendência ao conspiracionismo. Quanto à questão do tempo, o combustível de certa teologia que deixa uns e outros de cabelo em pé (aqui entendida como uma doutrina e uma prática comunitária muito além do pedido de bônus materiais).

Ao ter a certeza de que se vive sempre o último momento, é preciso barganhar para comprar tempo – à semelhança dos banqueiros, com dinheiro. A suposta adesão ao mundo que o evangelicalismo representa não passa de mutação da manifestação da mesma consciência, a de que restam poucos segundos para que tudo acabe – seja lá o que signifique essa unidade de tempo para esse povo, já que para eles, “um dia é como mil anos e mil anos é como um dia” (2 Pedro 3:8).

Ainda sobre o tempo do fim, motor e combustível de todos os esforços contra os diferentes que se opõem à sua fé: a última batalha que já está acontecendo, o Armagedom. Donde o reiterado uso do *Velho Testamento*. Aviso aos apressados, entretanto: o pentecostalismo, maior denominação evangélica no Brasil, não é veterotestamentário – qualquer padre católico ou pastor protestante consegue pregar durante anos apenas o *Velho Testamento*, e muitos o fazem –, é essa parte da *Bíblia* que prepara para a guerra de conquista anunciada no livro do Apocalipse de João (motivo pela reiterada volta às primeiras páginas do Livro Sagrado).

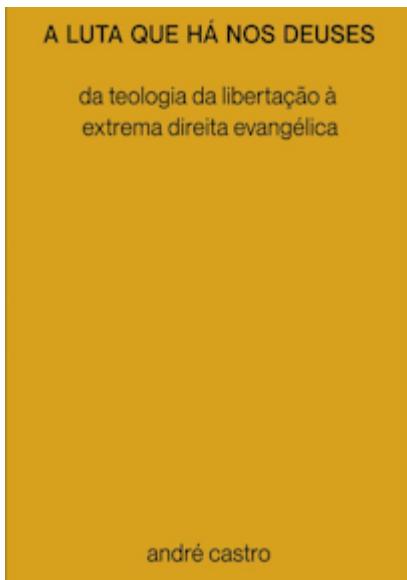
O pentecostalismo, o de verdade, não aquele imaginado pelo progressismo evangélico como algo importado dos Estados Unidos da América e que pela branquitude seria uma outra manifestação das peles negras e teologias brancas, é apocalíptico.^[vii]

O fundo material de cada uma das mutações dessa imaginação religiosa e que altera toda a equação dessa experiência em suas próprias dimensões, juntando a isso a matéria brasileira, formando um Brasil avivado, projeto de poder ora alardeado a todos os cantos do território nacional *and beyond* – de resto, nosso chão diário? Os próximos disparates.

***João Marcos Duarte** é doutorando em Linguística na UFPB.

Referência

a terra é redonda



André Castro. [*A luta que há nos deuses: da Teologia da Libertação à extrema-direita evangélica*](#). São Paulo, Editora Machado, 2024

[i] Luiz Felipe de Alencastro. O fardo dos bacharéis. *Novos Estudos Cebrap.* n. 19. 1987.

[ii] Benedict Anderson. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

[iii] Refiro-me aos ensaios “Pressupostos, salvo engano, da Teologia da Libertação”, “O que resta da Teologia da Libertação?”, “Da Teologia da Libertação à Ecoteologia”.

[iv] A passagem por esse grupo encontra-se nos ensaios “Quem tem medo do progressismo evangélico?”, “Esquerda e direita no espelho dos evangélicos” e “O ressentimento dos integrados”.

[v] Destrinchada, a apocalíptica em questão, além do já citado “Esquerda e direita...”, nos dois luminosos “É o rei que governa esta nação” e “Sobre a luta que há nos deuses”. O leitor deve ter se perguntado a respeito da ausência do primeiro ensaio, “A apocalíptica conselheirista”, e do pequeno “Os outros do ecumenismo” nessa descrição. Está lá o germe da discussão que move todo o livro e traz a grande novidade do conjunto.

[vi] Ainda sobre o pentecostalismo, sua semelhança com certo catolicismo popular, vale dizer, deriva, mais uma vez e sempre, de seu ar de família apocalíptico. Do ponto de vista da Revelação, assim como o pentecostalismo, o catolicismo era uma religião cujos mediadores entre o humano e o divino faziam-se presentes. Quanto ao fim de todas as coisas, sua constante necessidade de tentar de algum modo direcionar a divindade e sua guerra por Jerusalém - cidade fantasma que anima esforços diferentes que vão desde a conquista da América, o Destino Manifesto, a contrarreforma, certa contrarrevolução e atualmente na tecnologia militar de ponta que faz do Oriente Médio um inferno com seus *touch points* para quem der o azar de não ser puro sangue. Além das já citadas, falta mencionar a semelhança com as ordens monásticas do catolicismo, que vai desde a ascese anti-mundana dos primeiros pentecostalismos até a já mencionada teologia da prosperidade. O pano de fundo, uma dimensão que leva às últimas consequências o contato com o *Magnum Mysterium*. É verdade que no Brasil, pode-se arguir, existe uma grande distância entre os polos mencionados, por ter o pentecostalismo muita semelhança com as religiões de matriz africana, que colocaria o corpo em cena, coisa que não haveria no catolicismo. É justamente disso que se trata, para espanto de uns e outros, principalmente quanto ao fato de

a terra é redonda

que muitas das religiões dos povos da diáspora tinham divindades incontroláveis com as quais era necessário dialogar por meio de ritos. Sobre isso, todavia, duas considerações. A primeira diz respeito ao fato de que alguns afirmam que tanto o pentecostalismo, como o candomblé, têm suas raízes no mesmo catolicismo popular rural (Vagner Gonçalves da Silva. Religião e identidade cultural negra: afro-brasileiros, católicos e evangélicos. *Afro-Ásia*. 2017. nº 56. pp. 83-126). A segunda é sobre o caráter sinestésico do pentecostalismo, principalmente porque a Ordem que se fez presente por mais tempo e de maneira mais profunda no meio dos escravizados, negros e índios, foi a Jesuíta, que tem na contemplação sinestésica, que em muitos momentos beira ao transe, a contraposição e negação da ordem vigente e afirmação do contato com o mistério, uma prática constante. Toda igreja não-pentecostal que se pretende grande, passa pelo processo de pentecostalização no que diz respeito ao seu modo de funcionamento para tentar ter alguma vez e voz no mundo evangélico e fora dele. As que não passam por esse processo, mas querem arrogar para si certa brasiliade que daria a elas o vezo de reais portadoras daquilo que deveria ser o cristianismo no Brasil, com pautas ditas avançadas e com inserção no terceiro setor, transformando esse amálgama exposto acima em fetiche, ficam por conta do progressismo evangélico. A explicação geral do fenômeno do que chamo aqui de “progressismo evangélico”, está no já citado: “Quem tem medo do progressismo evangélico?” (in: André Castro., *op. cit.*, pp. 157-187).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)

<https://machadoeditora.com/produto/a-luta-que-ha-nos-deuses/>